

## A IDENTIFICAÇÃO ENTRE MEMBROS DA IRMANDADE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS: UM OLHAR DA PSICANÁLISE

Yan Ferreira de Alencar<sup>1\*</sup>, Yrismara Pereira da Cruz<sup>2</sup>, Raul Max Lucas da Costa<sup>3</sup>

1. Bolsista de IC do Curso de Psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio - UNILEÃO
2. Residente em Saúde Coletiva com ênfase em gestão de redes de saúde da Escola de Governo em Saúde Pública de Pernambuco - ESPPE
3. Professor pesquisador do Curso de Psicologia do Centro Universitário Leão Sampaio - UNILEÃO

### Resumo:

O presente trabalho discute a função da identificação na terapêutica do alcoolismo proposta pela irmandade Alcoólicos Anônimos (AA) fazendo uma referência ao conceito do Nome do pai em Lacan, a fim de explicar a partir do método psicanalítico a identificação entre os membros da irmandade. Como método, realizou-se entrevistas a partir de roteiros semiestruturados com dez participantes, todos pertencentes aos grupos de AA da cidade de Juazeiro do Norte-CE. Para a análise dos resultados, utilizou-se o referencial teórico da psicanálise freudo-lacaniana assim como artigos que contemplam o assunto. Constatou-se que a identificação é o fator principal no tratamento do AA e que essa ligação entre os membros como irmandade identifica um lugar do sujeito próximo a lei paterna. Concluiu-se que os membros do AA constroem uma nova família a partir da identificação entre os membros, adotando o nome de alcoólatras, onde a partir dessa construção elegem líderes que funcionam como padrinhos, ou pais, no processo de recuperação, onde as regras parecem ser mais eficazes que a de um Deus, nesse sentido a nova organização familiar garante a sobriedade, mas, reduz o sujeito a um significante de alcólatra.

**Autorização legal:** Projeto cadastrado junto a Plataforma Brasil com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 49861015.0.0000.5048. Tendo como o Comitê de Ética responsável 5048 - Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Alcoólicos Anônimos; Identificação

### Introdução:

O presente trabalho apresenta os resultados do projeto de Iniciação Científica intitulado *Alteridade, Sobriedade e Espiritualidade Entre Membros de Alcoólicos Anônimos em Juazeiro do Norte-CE: um estudo psicanalítico*, que objetiva analisar o laço grupal e sua função na manutenção da sobriedade

entre alcoólicos anônimos na cidade de Juazeiro do Norte-CE. A relevância do mesmo consiste em compreender o funcionamento dos grupos de ajuda mútua a partir da perspectiva psicanalítica e sua contribuição para o campo da Saúde Coletiva.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é estudar como se dá o processo de identificação no grupo de AA partindo da perspectiva psicanalítica buscando entender qual o tratamento ofertado por essas instituições.

### Metodologia:

Como instrumento de coleta de dados, realizou-se entrevistas com roteiro semiestruturado com os membros da irmandade Alcoólicos Anônimos (AA) na cidade de Juazeiro do Norte-CE. O embasamento teórico para discussão dos resultados se dá em uma revisão de literatura dos livros AA assim como teóricos da psicanálise. Para revisão de literatura foi utilizado: o livro *Alcoólico Anônimos*, escrito pelo fundador de AA Bill W, assim como livros de Freud e Lacan para embasamento na psicanálise. Os artigos aqui citados advêm de uma pesquisa no Scielo com os descritores: Alcoólicos Anônimos, Psicanálise, Toxicomania, para seleção dos mesmos foram priorizados os trabalhos que aliam o tema de tratamento de drogas com o referencial freudo-laciano.

### Resultados e Discussão:

A identificação é compreendida pela psicanálise pelo que estabelece Freud (1921/2011). Para ele a criação de laços em uma massa se deve a alguns fatores, como a coesão grupal e a presença de um líder. Para o autor a massa faz com que cada sujeito tenha uma prevalência do afeto e só a partir dessa primeira constatação que o indivíduo pode fazer parte da massa. Nesse viés, os sujeitos que compõem uma massa passam a atuar de forma mais livre em seu ódio e amor.

Outro fator que Freud (1921/2011) assinala é que o líder só é incorporado pela massa no momento em que esse abre mão de seu querer pessoal e adota os do grupo, para

ele o fato é que o líder tem que abrir mão de si para liderar uma massa. A terceira preposição de Freud (1921/2011) é que as massas se constituem essencialmente pelo amor, ou seja, é preciso que os indivíduos invistam naquele grupo como um objeto de amor, nesse sentido que a massa reflete um investimento narcísico e aponta para uma coesão.

Freud (1921/2011) abre luz no conceito de identificação, o mesmo coloca três tipos, o primeiro é a forma mais primordial de identificação, a relação do complexo de Édipo, ou seja, a primeira ligação afetiva com um objeto, nisso, ela divide a identificação com um objeto e o desejo de ser aquele objeto. A segunda forma tem como característica tomar uma via de regressão, assim, a identificação passa ao desejo de querer ser aquele objeto, nisso, o Eu passa a copiar a pessoa amada ou não amada, assim, há uma introjeção do objeto no Eu. Freud coloca que esses dois tipos fazem relação ao objeto e o Eu, já o terceiro é mais evidente nas massas, é o que o autor chama de “identificação por infecção psíquica” (FREUD, 1921/2011), nessa através de algo em comum, sem existir investimento no objeto, ocorre a identificação, ou seja, diz respeito a uma identificação a posição que o outro está, seu discurso, esse outro não é um objeto de amor ou ódio, mas, como essa posição faz referência ao Eu, ocorre a identificação.

Lacan no O Seminário: a identificação, livro 9 (1961-62/ 2014) teoriza a identificação em uma releitura da teoria freudiana. O autor retoma a identificação na histeria e faz referência que essa vai além da identificação em um outro, mas, a identificação a um significante. Esse conceito abrange o que o autor entende por significante, algo que não faz referência ao significado, ou seja, Lacan retoma a linguística para demonstrar que a formação da subjetividade é uma cadeia de significantes e assim, o significado do que é dito não é o principal fator em questão. Essa visão de Lacan é referência para a clínica psicanalítica, já que ele coloca o trabalho do analista sobre o significante. Dessa forma, o sujeito tem sua cadeia ordenada pelo significante mestre, esse entendido por Lacan como o significante que garante aos outros a ligação, essa cadeia é o que dá a cada indivíduo um discurso e um lugar diante do Outro.

No O Seminário: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise, livro 11(1964/1985), Lacan teoriza do lugar desse Outro. Entende-se que esse Outro ou como pode se referir o grande Outro, significa um lugar que é ocupado pelo que o sujeito identifica das pessoas, embora exista uma confluência teórica entre a instância do supereu e do Outro,

para Lacan (1969/2008) o Outro é mais um lugar que permanece vazio, mas que não impede que seja inscrito constantemente. Nesse caráter a identificação perpassa a falta que esse lugar assinala, nisso, o sujeito passa a construir pequenos outros, ou melhor, outros semelhantes, para tentar ocupar esse lugar vazio. Esse lugar é entendido melhor na teoria dos discursos de Lacan (1970/1992) quando ele demonstra que a partir do não dito que o sujeito se posiciona diante desse Outro. Retomando Freud (1921/2011) se percebe que nas massas esse lugar do Outro é ocupado por um ideal do eu, mas, como esse lugar é pela via do insustentável, já que nenhum indivíduo dá conta de ser um Outro, esse líder precisa abrir mão de si mesmo para tentar ocupar esse lugar vago.

No grupo de Alcoólicos Anônimos, foi percebido através das entrevistas que os indivíduos tomam como base principal o caráter da identificação, é preciso que cada um se identifique com o grupo e seus membros para formar uma irmandade, a partir disso e das experiências dos outros que o sujeito pode alcançar o lugar de abstinência do álcool. É importante salientar que essa identificação ocorre por duas vias, os usuários do grupo comentam que fora do círculo do AA é preciso manter o anonimato, mas, dentro do grupo é preciso ter um padrinho que funciona como garantidor do tratamento. Essa característica é importante já que dissocia o grupo da sociedade em geral, ou seja, é criada uma nova massa diante da maior.

Fica claro no livro Alcoólicos Anônimos (2001), a importância da identificação e da irmandade, o mesmo diz: “Aprendemos que precisamos admitir (...)”, “Nós, alcoólicos, homens e mulheres (...)”, “Uma vez terminado nosso inventário pessoal (...)”, “Achamos ser bastante aconselhável (...)”, desses trechos se percebe que a referência é sempre no plural, procurando inserir o sujeito em um irmandade enquanto está lendo.

Quando atentamos para o que Lacan (1970/1992) teoriza do mito do Pai da Horda, percebe-se que nada garante aos irmãos e ao pai sua posição, ou seja, ao retomar esse mito Lacan percebe que é sempre uma posição vacilante a de pai, para a mãe existe uma garantia de seus filhos, para o pai a única coisa que garante é o nome que é dado a esses, o que o autor chama de Nome-do-Pai. É nessa definição que ele mostra que a partir desse nome a lei e a ordem é estabelecida. No mito do pai da horda criado por Freud (1914/2012) os irmãos matam o pai para poderem gozar das mulheres, nisso eles instauram duas leis, a primeira é a lei do incesto e a segunda é a lei

da monogamia, ou seja, o que garante a lei é a referência ao pai e não sua presença física.

Em breve análise poderíamos compreender que todos os membros possuem um pai que foi morto durante o tratamento, esse, lembrado a todo o momento e garantidor da irmandade.

No grupo do AA, os usuários trazem um discurso parecido, todos constatarem que estavam alienados ao álcool e perderem sua antiga vida, ou seja, uma alienação ao objeto de gozo que faz com que o sujeito se resume só a gozar. Na estrutura neurótica o que serve de barra ao gozo é o pai real como define Freud (1905/2016) no complexo de Édipo. Lacan (1970/1992) teoriza que esse pai real não existe, assim, só é possível no mundo simbólico, ou seja, só é possível a existência desse pai no discurso do sujeito através do nome-do-pai. O caráter da crença dos membros do AA parece obedecer de forma diferente, existe um Deus, cristão e existe os padrinhos que funcionam como pais dentro do grupo. Nisso se funda um sujeito reduzido ao significante de dependente ao álcool, ou seja, um sujeito que responde a um mestre, algumas falas demonstram esse processo: *Eu passei a sofrer as consequências sem conhecimento, ne. Depois descobri que existia o A.A que me tornava alcoólatra e eu aceitei que eu sou alcoólatra* (Participante 01). Esse sujeito faz referência ao que Lacan (1970/1992) compreende como o escravo, que possui um saber-fazer, nesse caso um saber-beber, que o mesmo não tem acesso devido à existência do mestre, ou seja, apesar de cada indivíduo ali beber de forma diferente e possuir uma relação diferente com a droga, essa relação é perdida quando o mesmo é reduzido ao significante alcoólico.

A identificação funda também um sujeito baseado em um outro, já que é a partir desse que se garante a sobriedade. Em outras palavras, essa ligação com o outro produz uma subjetividade fortemente ligada a uma instituição. É Foucault (1975/1996) quem teoriza que a instituição através do poder produz subjetividades, para ele as instituições formalizam discursos e técnicas que criam dispositivos de controle. Essa teoria de Foucault se assemelha a teoria dos discursos em Lacan (1970/1992) quando ambas identificam a formação da subjetividade e o lugar do sujeito. As falas evidenciam esse lugar, quando dizem: *E eu agradeço plenamente ao Poder Superior e o programa de Alcoólicos Anônimos.* (Participante 01). Essa dívida ao Outro é entendida como o caráter que garante a dependência ao grupo, ou seja, impede que o

indivíduo possa aparecer e se dissociar do grupo do AA.

### Conclusões:

Conclui-se que o processo de identificação entre os membros do AA é o que mantém a sobriedade e a continuidade no grupo e assim a terapêutica. Na psicanálise esse fator é percebido em relação a formação de uma subjetividade fortemente ligada a um significante, ou seja, se em Freud (1921/2011) a análise do Eu permite que ele teorize como a massa forma uma subjetividade particular. Na teoria lacaniana se observa que essa subjetividade se relaciona com uma cadeia de significante e assim, além de fundar um sujeito identifica seu lugar, o que abre luz para as estruturas clínicas.

Essa ligação e por vezes alienação ao Outro pode trazer inúmeras consequências ao sujeito, o fato é que tudo depende da forma como cada sujeito se coloca nessa relação, se em um sentido a neurose é em si uma relação conflituosa com esse Outro, a psicose é uma alienação a esse. Em todas as estruturas clínicas o grande outro aparece e localiza o sujeito dentro do discurso. Nesse sentido, apesar de Lacan (1956/2005) afirmar que esse grande Outro não existe, é a partir dele que o sujeito se estrutura e faz o que pode e tem de melhor a fazer com esse fato, assim, o sintoma. No grupo do AA esse sujeito faz uma estrutura, mas, essa é encadeado a um significante, nisso, o nome de cada indivíduo não importa, a sua história e sua forma de beber são apagadas e reduzidas a um membro de uma irmandade, tudo isso soa muito religioso, é partir da religião que o sujeito busca o sentido a angústia (LACAN, 1975), mas, o fato que a psicanálise dá luz é que o desejo não é dado conta através do sentido, esse sempre escapa ao sentido, nisso, a sobriedade dos membros é sempre vacilante e deixa escapar o que existe de cada sujeito.

### Referências bibliográficas

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos**. São Paulo: Centro de Distribuição de Literatura AA para o Brasil, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** (1975). Petrópolis, Vozes, 1996.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu** (1921). In: \_\_\_\_\_. Sigmund Freud, Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund, 1856-1939. **Obras completas, volume 6:** três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos:**(1912-1914). Companhia das Letras, 2012.

LACAN, J. **A Identificação.** (Seminário 1961-1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife-CEF. (publicação para circulação interna), 2011.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3:** As psicoses. (1956). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2002.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11:** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (1964) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 16:** de um outro ao Outro. (1969). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17:** O avesso da Psicanálise. (1970) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1992.

LACAN, Jacques. **O triunfo da religião.** (1975). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

STENNER, Andréia da Silva. A identificação e a constituição do sujeito. In: **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 24, n. 2, p. 54-59, jun. 2004. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200007&lng=pt&nrm=iso). Acessado em 24 mar. 2017.